

Fenomenologia do Espírito: Substancia como Sujeito¹

Antonio Wolf

1 Original <https://empyreantrail.wordpress.com/2016/11/18/phenomenology-of-spirit-substance-as-subject/>. Traduzido por V. S. Conttren, Julho 2022. DOI 10.17605/OSF.IO/MXT56.

No "Prefácio" da *Fenomenologia*, Hegel faz algumas equações rápidas, densas e aparentemente ininteligíveis de certos termos. Nos parágrafos 22, 37 e 54 da tradução de Miller, Hegel faz um resumo espantoso de equivalências conceituais que, para os não iniciados, devem aparecer como totalmente incompreensíveis.

A Hegel basicamente acaba compondo esta espantosa cadeia de equivalências:

Razão = Propósito = Auto-movimento
 = Sujeito = Negatividade = Ser para si mesmo
 = Eu = Imediaticidade = Vir a ser = Conceito = Realidade =
 Substância = Ser-em-si

No parágrafo 22, Hegel diz que a *razão* é uma *atividade proposital*, e esse propósito é o *imóvel e auto-móvel*, e isso é *Subjetividade*. Não apenas isso, mas esse poder de auto-movimento é *negatividade*, e essa negatividade é o *eu*. Na verdade, isto *não é tão* incompreensível se apenas nos desaceleramos.

Que a razão é propósito não é uma ideia louca; de fato, quando se pergunta a *razão* de algo, geralmente se pergunta o *propósito* para o qual é. O propósito de se deslocar por conta própria também não é estranho, pois o propósito, de certa forma, parece autorrealizar-se, já que algo proposital começa com seu propósito em potencial e termina com seu propósito atualizado. Que Hegel chama esta *subjetividade* de auto-movimento, entretanto, é definitivamente algo que não encontrará muita tração na seção. Somos informados sobre isso e Hegel avança rapidamente, mas não é uma noção absurda quando pensamos nisso em um *sentido muito amplo*: nossa subjetividade como a entendemos na vida cotidiana está

fundamentalmente ligada ao nosso próprio auto-movimento como agentes livres para fazermos o que quisermos; assim, que o auto-movimento é subjetividade em algum sentido básico é compreensível. Afinal, pense assim: quando faço coisas como sujeito, faço coisas por minha causa. A subjetividade se move por si mesma, se não fosse assim, seria o objeto movido por outra coisa que era a fonte da atividade. Podemos observar aqui que também vemos uma forte ligação imanente entre a subjetividade e o propósito, ou seja, que ser um sujeito é ter um propósito próprio.

Que o auto-movimento é *negatividade* é definitivamente estranho se não se pensa em *negação*—o poder que desfaz as coisas assim como a oposição que se mantém—e em vez disso se pensa em negatividade no sentido de negativo e positivo, porém tendo em mente a negação é bastante claro por que se faz esta equivalência: o que se move por si mesmo deve de alguma forma estar *negando* (desfazendo e se opondo) seu estado de ser para mudá-lo. A negatividade como o auto-movimento do propósito como um todo, nos diz Hegel, é exatamente o que o *eu* é. **“O eu é a mesmice e a simplicidade que se relaciona consigo mesmo.”** Porque o propósito se relaciona tanto como seu início quanto como seu fim, e a negatividade também nega o que quer que produza e nesse sentido também se relaciona a si mesmo - é a negação da negação - esta equivalência é formalmente inteligível mesmo que tenhamos pouca pista do que Hegel significa plenamente nestes conceitos. Mas porque a auto-relação teria a ver com a negatividade? Além do que Hegel declarou como equivalente, sem dar muitas explicações para a negatividade, pouco mais há a dizer além disto: para que a auto-relação seja mesmo possível, deve haver uma lacuna de distinção ou diferença (negação). O estranho é que a ponte é aqui a própria brecha, pois na compreensão hegeliana o que divide é em si um unificador

negativo do que é separado. No nível do eu consciente, esta negatividade não é apenas uma estrutura de oposição, mas uma atividade de constante desfazimento de momento em momento.

O eu é este tipo de relação onde uma unidade é uma unidade precisamente porque está fragmentada em partes, um fragmento presente por causa de uma atividade de negação que as cria. Apesar desta fragmentação, o próprio fato de serem partes desfaz sua separação e as determina novamente como unidas num todo através do próprio fio desta atividade que as faz e à qual retornam. Como tal, o eu é unificado como o processo de autodiferenciação. Agora, você pode dizer que pelo *eu* significa mais do que auto-relação, mas a auto-relação é a chave para o eu, não importa o quê. Tome-se por exemplo uma pessoa que é incapaz de auto-relação, ou seja, incapaz de autoconsciência ou de autodeterminação na escolha do que fazer ou ser (até mesmo os animais têm alguma capacidade). Eles são *realmente* um eu? Existe realmente alguém lá que possamos reconhecer como pessoa? Não, no mínimo temos um fantoche de alguma outra pessoa ou apenas um fantoche de forças externas da física - um zumbi filosófico como Daniel Dennett, talvez, uma máquina curiosamente complexa, mas não uma pessoa com agência própria, uma vez que é tudo obra dos poderes inescrutáveis da natureza inconsciente.

De forma mais abstrata, será que algo que não se auto-relaciona realmente tem um "eu"? Consciente ou não, aquilo que não se auto-relaciona em seu ser é o tipo de coisa não duradoura, porque não é o que é por seu próprio poder, mas por algo mais. É uma configuração contingente de elementos independentes que são indiferentes à sua unidade e que logo evanescem. O *eu* é como uma força que sai sem fim (uma negatividade) e empurra para fora ou através de todos os que se opõem a ele. Se esta força

se projeta apenas em uma direção, nunca volta a si mesma e não forma nada, mas se volta a si mesma, simplesmente circula como esta repulsão que se impulsiona para frente em seu ciclo sem fim, enquanto empurra contra qualquer outra coisa externa a ela que tente se romper e entrar em seu espaço interno. Este círculo constitui uma forma definida que se explica apenas em termos da atividade auto-relacionada desta força a qual, de fora, nada mais parece do que uma presença estática que manifesta resistência a nós e, além disso, apresenta-nos um objeto que tem sua subsistência *através* de suas constantes mudanças (negações).

Hegel apresenta no parágrafo 37 tudo o que diz no parágrafo 22 para continuar a cadeia de conexões conceituais.

Ele elabora uma adição à negatividade; agora é a distinção entre o eu e a substância que ele investiga. De que maneira isso funciona? Bem, para que eu seja o eu contra a substância é preciso haver uma negação, é preciso haver uma negatividade como oposição - nós nos diferenciamos através de uma negatividade em **{Eu}-{substância}**. Nesta seção, Hegel desenvolve sobre o significado de *substância como sujeito*. A negatividade que separa o eu e a substância é o próprio poder que é o eu e a alma animadora da substância. A substância está "*em disparidade consigo mesma,*" demonstra negatividade ativa dentro dela, e a negatividade é constitutiva do próprio ser da substância; é assim que Hegel retira a reivindicação enigmática original. A substância é Substância porque tem negatividade, negatividade absoluta. Ela se nega a si mesma, divide-se, diferencia-se, torna-se determinada e resiste como objeto através de seu próprio poder de auto-negação. A substância se relaciona consigo mesma; assim, ela tem o mesmo poder de auto-movimento que o eu ao se determinar. Note que a negatividade divide e une o eu e seu objeto, a negatividade flui através de cada um e constitui a própria

oposição e se reflete dentro de cada um, pois eles incorporam uma subtotalidade. A substância deve estar sujeita, o ser estático deve ser realmente o próprio dinamismo se quisermos explicar a auto-relação do ser, uma relação que só pode ser contabilizada pela atividade que nega e se divide ao mesmo tempo em que se une através desta mesma divisão.

Continuando:

Quando demonstrou isto completamente, o Espírito fez sua existência idêntica com sua essência; tem a si mesmo para seu objeto tal como é, e o elemento abstrato do imediatismo, e da separação do saber e da verdade, é superado. O ser é então absolutamente mediado; é um conteúdo substancial que é tão imediatamente propriedade do "eu," como é próprio ou a Noção [Conceito].

Passando um pouco à frente na *Fenomenologia*, o Espírito no final não encontrará nada além de si mesmo em seus objetos de investigação. A razão já é clara em um sentido, primeiro porque o Espírito também é negatividade, o eu, e a substância. Segundo - e isto deve ser mostrado na próxima seção - porque Espírito é pensamento e seu conhecimento dos objetos é sua própria Noção/Conceito, e a substância objetiva compartilha a natureza do pensamento. Tudo o que o pensamento sabe é pensamento, tudo o que *pode ser conhecido* é o próprio pensamento, e todo o mundo é pensamento, mas estas não são representações dentro de mentes caprichosas. O conteúdo substancial é auto-comparável, a substância é sujeita, porque não há distinção absoluta a ser feita entre Ser e pensamento. Objetos independentes só são possíveis se eles forem sua própria autodeterminação ativa a partir de dentro, e o pensamento não pode conhecer objetos sem que ele mesmo seja uma atividade de autodeterminação interna.

Finalmente, no parágrafo 54, Hegel apresenta, por um momento, os conceitos de *identidade e pensamento*.

A subsistência ou substância de qualquer coisa que existe é sua auto-identidade; pois uma falha de auto-identidade seria sua dissolução. A auto-identidade, entretanto, é pura abstração; mas isto é pensar.

A auto-identidade é o locus do ser que mantém a substância unida como unidade negativa da auto-relação. Também é pura *abstração* no sentido literal: ela rasga a substância de quaisquer conexões e determinações, e como Hegel já nos disse anteriormente no *Prefácio*, *a abstração é pensada*. Ser, afirma ele, *é pensamento*. Esta expressão é literal e não de qualquer forma metafórica. Ser é pensamento não apenas porque é um conceito de abstração que certamente se aplica aos seres existentes apesar de sua pobreza de significado, mas Hegel significa algo mais radical do que simplesmente dizer que Ser é apenas um conceito mental. Não, *ser é ser um pensamento no sentido de que **ser é ser abstraído***. O que existe só o faz porque se manifesta como diferente de algo que se opõe a ele como o que não é. Do ponto de vista absoluto, o Absoluto deve se negar, criar diferença em si mesmo, e nessa diferença as oposições se posicionam umas contra as outras como independentes e separadas até certo ponto, elas são literalmente abstraídas. Sem negatividade, sem diferença e suas abstrações de Ser do Ser, não haveria existência possível e tudo o que restaria seria um nada indeterminado. Não se deve confundir o pensamento e o pensado para serem representações mentais, não o são. Eles não são nossos fenômenos mentais subjetivos, nem são os fenômenos mentais de alguma inteligência de Deus que existe apenas como uma versão maior e melhor de nossa individualidade. O pensar é o nome para o fato da abstração como a

oposição permanente das coisas, e assim sendo o Ser é pensado pelo fato de que tudo o que é sempre já é diferenciado.

Agora, como a subsistência de uma coisa existente é uma auto-identidade ou pura abstração, ela é a abstração de si mesma, ou é ela mesma sua falta de auto-identidade e sua dissolução - sua própria interioridade e retirada para si mesma - seu próprio devir.

As coisas são, elas subsistem, através de sua auto-abstração, ou seja, sua auto-negação. Esta abstração é uma diferença, e a auto-identidade só é possível *através* desta diferença. Sem negatividade e abstração A não poderia promulgar o fato de $A=A$, ela não poderia se destacar por si mesma e existir se não houver maneira de A se diferenciar para estabelecer uma identidade. A verdadeira substância não é dependente, ela existe apenas na necessidade de sua própria auto-relação, assim como uma partícula subatômica gira em torno de si mesma e mantém seu próprio ser. Mas se o ser como substância se separa de si mesmo em abstração, então ele se torna outro para si mesmo. Ela se torna sua própria oposição interna e dissolve sua identidade estática em outra; assim, a substância torna-se sujeito. O que é sujeito é como ele faz, e no que ele faz é negatividade, é a anulação de tudo e de si mesmo; portanto, substância como sujeito é seu próprio desaparecimento no fato de que seu ser é apenas seu ponto fraco perpétuo - é seu próprio devir no fato de que ele é e, ao mesmo tempo, não é. Tornar-se é a verdade do Ser, a estática é verdadeiramente a realidade do dinamismo, ou seja, a própria mudança sem fim é a única coisa duradoura e imutável. O ser de substância deixado a si mesmo é sua própria livre auto-negação, auto-determinação, e mostra a ligação com aquilo que está além da coisa estática que imaginamos que seja. Este movimento mapeia o caminho do Espírito que vai além de si mesmo apenas para se encontrar a si mesmo. O processo

do negativo volta ao negativo em unidade absoluta: o negativo é um negativo de um negativo, um oposto é o oposto de um oposto, o que é um movimento dialético de determinações auto-contraditórias que se dissolvem infinitamente, mas com uma clareza e estabilidade necessárias conforme esta instabilidade.

A substância é o sujeito porque a substância é a imagem duradoura de uma atividade interminável que se relaciona a si mesma. Esta interminável atividade agindo sobre si mesma parece, de fora, como um círculo meramente completo e estático. Para se ter uma ideia: o conceito de substância como sujeito é como uma bola amarrada a uma corda girando tão rápido que para nós parece como uma roda sólida. Os conceitos, porém, não são espaço-temporais e, portanto, não há uma lacuna temporal para terminar seu processo. Eles já estão sempre completos. O Absoluto é substância e sujeito de uma só vez, pois podemos vê-lo como a unidade de sua oposição, mas também no sentido de que ambos são o único processo visto de dois pontos de vista da dinâmica e da estática.

Além das equivalências, pode-se dizer que Hegel realmente tinha algo interessante a dizer em todos esses termos e frases aparentemente bizarros, no entanto, ele foi incapaz de explicá-los devido às limitações de um *Prefácio*, e bem... isso exige muito de nós como leitores. Exige que tenhamos muito cuidado com os detalhes, que tenhamos as coisas em mente, exige que sejamos muito caridosos. Mesmo com uma visão diária das coisas, a reivindicação de Hegel faz muito sentido.